

O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos

Por Jorge Pereira Filho · 23/04/2017

Posfácio por Gerhard Dilger

Vivemos uma crise global e múltipla de enormes proporções – política, social, econômica, ecológica, ideológica e ética. O crime ecossocial no Vale do Rio Doce, em novembro de 2015, perpetrado por mineradoras transnacionais com a cumplicidade e omissão de instâncias estatais nacionais e regionais, numa aliança típica dos nossos tempos, tornou-se a advertência mais dramática da podridão do sistema capitalista predador que determina nossas vidas.

Depois de alguns anos de relativo otimismo no Brasil e na América do Sul, fica evidente mais do que nunca que as sociedades do Norte e do Sul globais estão irremediavelmente interligadas e precisam de profundas transformações políticas e ecológicas – muito além do acordo climático de Paris que, mesmo sendo uma resposta insuficiente às múltiplas pressões dos movimentos pela justiça climática, poderia significar um passo na direção correta. [capa_bemviver](#)

“O mundo precisa de mudanças radicais. Necessitamos de outras formas de organização social e práticas políticas. O Bem Viver é parte de uma longa busca de alternativas forjadas no calor das lutas indígenas e populares.”

Na América do Sul, saltam à vista as limitações dos governos “progressistas” que, fortalecendo o papel do Estado na economia, avançaram numa distribuição mais equitativa da renda das commodities sem, no entanto, questionar mais profundamente o conceito hegemônico de “desenvolvimento”, vaca sagrada até para grande parte da esquerda mundial. Essas limitações, nos anos iniciais das “revoluções” democráticas na Venezuela, Bolívia e Equador, e das vitórias eleitorais de candidatos de centro-esquerda no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e Peru, não eram descartadas por observadores mais prudentes.

Essa onda vermelho-rosada, surgida graças à ação dos movimentos sociais, conseguiu enterrar o projeto imperialista da Alca, em 2005, e deu um apoio vital em momentos críticos aos presidentes Evo Morales, em 2008, e Rafael Correa, em 2009. Mas alimentava esperanças de transformações mais profundas e duradouras. E, *last but not least*, tinha como bandeira ecossocial visionária o projeto Yasuní-ITT, abortado por uma aliança interesseira de partidários do crescimento a qualquer preço na Alemanha, no Equador e na China.

Como fica bem claro no livro **O Bem Viver - Uma oportunidade para imaginar outros mundos**, de Alberto Acosta, o *Buen Vivir* é um conceito aberto, de origem latino-americana, que se está constituindo em um aporte genuíno ao debate da esquerda mundial do século 21. Ao mesmo tempo, dentro da esquerda neoclássica que, no Brasil, continua dominando o discurso daqueles e daquelas que estão aspirando a construir uma sociedade nova, social e ecológica, até anticapitalista, as resistências aos paradigmas pós-desenvolvimentistas como o Bem Viver ou o decrescimento continuam sendo consideráveis – apesar de o Bem Viver, desde o Fórum Social Mundial de Belém, em 2009, vir ganhando mais adesões.

O Bem Viver, do nosso companheiro e amigo Alberto Acosta, na belíssima tradução de Tadeu Breda, é, nesse sentido, uma contribuição bem-vinda,

necessária e urgente.

O Bem Viver*Bemviver_primeira*

uma oportunidade para imaginar outros mundos

Título original: El Buen Vivir

Alberto Acosta

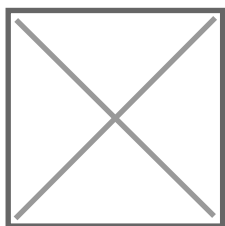
Tradução: Tadeu Breda

Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante; Autonomia Literária

São Paulo, 264 páginas, 2016

ISBN 978-85-69536-02-4

Download



A distribuição do livro impressa também é gratuita – há somente o custeio do frete. Caso haja interesse em receber um exemplar, entre em contato com [\[email protected\]](#)